

Unidades às Dezenas...

JORGE AMIL DIAS

Serviço de Pediatria, Hospital de S. João, Porto

A Pediatria hospitalar, como a sua «irmã mais velha» Medicina Interna, diferenciou-se em várias áreas especializadas. Esta evolução era inevitável já que muitas crianças e adolescentes necessitando de unidades ou procedimentos diferenciados eram entregues a médicos especialistas sem experiência pediátrica que inferiam os diagnósticos e terapêuticas a partir da medicina de adultos «à escala» infantil.

Na ausência de planeamento prévio, a diferenciação começou por iniciativa individual de alguns pediatras que procuraram formação especializada em centros estrangeiros credenciados, e constituíram o embrião de unidades funcionais em alguns dos principais hospitais.

Mas o desejável planeamento nacional das necessidades nunca surgiu e continuaram a proliferar as «unidades especializadas» ao sabor da conveniência local, por vezes até pelo simples desejo dos médicos interessados.

Esta proliferação desorganizada levou a dois tipos de consequências:

a) Nas especialidades que implicam execução de técnicas, a inexistência dos equipamentos em alguns hospitais faz com que os exames sejam novamente executados pelos especialistas adultos, voltando-se à situação inicial que a especialização pediátrica visava evitar. Em alternativa, a aquisição de equipamentos caros e treino do pessoal levará ao subaproveitamento pelo número reduzido de exames a efectuar em hospitais com menos movimento.

b) A experiência clínica dos médicos diferenciados no que toca a situações raras fica profundamente limitada. Há poucas semanas um cirurgião belga afirmava-me que existem 15 cirurgiões pediatras naquele país! Quem «navega» em grupos especializados na Internet fica deslumbrado por ler a experiência de colegas de outros países que referem as suas séries de dezenas de doentes com síndromes raros enquanto os nossos pediatras «especializados» aspirarão a ver 1 ou 2 casos...

Destas considerações alguns colegas dirão: «Inveja». Respondo eu: *Desejo de racionalização de gastos e respeito pelos doentes que esperam ser tratados por médicos com conhecimento teórico, mas também com sólida experiência adquirida.*

Tudo começou, como sempre, por impulsos individuais, mas há um ponto em que é necessário criar regras que garantam experiência profissional sólida e responsável perante os doentes. Se outras razões não houvesse, trata-se de um imperativo ético e uma exigência de boa gestão!

É urgente que organismos competentes (Colégio de Especialidade, Sociedade Portuguesa de Pediatria, Ministério da Saúde, ARS...?) avaliem as necessidades nacionais e se definam quais e onde devem existir as Unidades especializadas adequadamente equipadas. Para quando?...